

A ICONOGRAFIA COMO ELEMENTO GEOTECNOLÓGICO NO (RE)CONHECIMENTO DO LUGAR

Rosângela Patrícia de Sousa Moreira ¹
Tânia Maria Hetkowski ²

INTRODUÇÃO

Os aspectos iconográficos estão presentes em todas as direções que nossa vista alcança e perceptíveis através da tecnologia assistiva para aqueles com necessidades para esse sentido, permitindo e assegurando a percepção e compreensão do mundo. Mas o que é a iconografia e como ela se apresenta às pessoas? Cabe ressaltar que a iconografia perpassa por questões que estão no âmbito da semiótica, entre seus critérios de análise acerca dos signos e como seu universo reflete na consciência perceptiva sobre as imagens que cercam a sociedade moderna.

Numa via de desconstrução sobre a própria naturalização perceptiva das geotecnologias, trazemos à discussão outra caracterização, a partir da concepção imaterial e assim, inerente à subjetividade humana, estando assim, presente no fazer contínuo e criativo de cada sujeito. Essa perspectiva que renova o olhar sobre as geotecnologias, permite olhar o lugar e (re)conhecer para além das fotografias, mas também por lembranças, desenhos vivos na memória de cada pessoa. Dessa forma, fugimos a ideia engessada das geotecnologias no quadrado dos limites maquínicos, físicos e palpáveis, porém vivas, criativas e subjetivas a essência humana.

A partir dessas questões, surge a construção textual que objetiva destacar a iconografia como esse elemento geotecnológico que possibilita, potencializa o (re)conhecimento do lugar, dentro das discussões para uma educação geográfica. Uma discussão que se auto justifica por caminhar numa narrativa que demonstra o transbordar da proposta frente aos limites da percepção maquínica, e apresentar as iconografias como exemplo de geotecnologias e reflexo da criatividade humana numa busca para compreensão do mundo. Para tanto, o alicerce também caracterizou o aspecto metodológico, a partir de uma revisão teórica que sustenta as temáticas

¹ Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade Estadual – BA, docente IFBA – Valença, patriciamoreira@ifba.edu.br;

² Pós-Doutora em Educação. Professora Titular na Universidade Estadual - BA, taniah@uneb.br;

basilares da iconografia, da semiótica, da geotecnologia e também do lugar, numa teia de ideias e conceitos que viabilizam o compreender da educação geográfica.

Com as discussões, se percebe que os elementos iconográficos estão dispostos por todo espaço geográfico, compondo os detalhes da paisagem em que nossos sentidos permitem perceber. Por conseguinte, as geotecnologias possibilitam o mapeamento do lugar através dos ícones e das relações nutridas entre sujeito-espaço geográfico, conferindo significado e pertencimento, descortinando o (re)conhecer do lugar. Ou seja, os elementos iconográficos viabilizam o sujeito a (re)conhecer seu espaço vivido através da geotecnologia, ora constituída por seus aspectos materiais, mas sobretudo, por aspectos imateriais, criativos e humanos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso ponto de partida é demonstrar o que seriam as iconografias, visto que já começamos nossa escrita afirmando que elas estão em toda parte, compondo a paisagem e tudo aquilo que podemos observar. Sendo assim, trazemos para discussão Panofsky (2007), precursor nesse campo, o mesmo que nos coloca diante de uma tríade para compreensão das iconografias: a pré iconográfica, a inconográfica e a iconológica.

Apesar da iconografia está ligada mais diretamente ao ramo da arte, a sua interpretação está presente em outros e múltiplos caminhos, estreitamente ligados a subjetividade do sujeito, pois ao relacionar a tríade com a imagem ou a percepção das imagens que compoem a paisagem de um lugar, podemos analisar geograficamente da seguinte forma:

Pré iconográfica: constatação da imagem

Iconográfica: a mensagem, o que recebemos da imagem, a nossa leitura

Iconológica: a interpretação da mensagem, a compreensão

Como dito anteriormente, a análise de uma iconografia está diretamente relacionada ao subjetivo do sujeito, pois a interpretação é pessoal, e todo caminho iconográfico estará disposto a partir da forma de observação particularmente, através dos sentidos. Para Panofsky,

[...] **o processo de pesquisa parece começar com a observação.** Mas, que o observador de um fenômeno natural, que o examinador de um registro **não ficam só circunscritos aos limites do alcance da visão e ao material disponível;** ao dirigir a atenção a certos objetos, obedecem, conscientemente ou não, a um princípio de seleção prévia ditado por uma teoria, no caso do cientista, e por um conceito geral de história, no do humanista. Talvez seja verdadeiro que “nada está na mente a não ser o que estava nos sentidos”, mas é pelo menos igualmente verdadeiro que muitas coisa está nos sentidos sem nunca penetrar na mente. **Somos**



afetados principalmente por aquilo que permitimos que nos afete
[...] (PANOFSKY, 2007, p.25) (grifos nossos)

Pelo autor, podemos perceber que toda observação vai além do aspecto visual, alcançando limiares do sentido e dos sentimentos que permitimos ou nos tomam sem aviso, sobre toda a imagem que nos afeta. Isso corresponde aos sentimentos que passamos a perceber quando nos deparamos diante de uma paisagem que nos remete a tempos nostálgicos, sem mesmo nunca ter experienciado aquele lugar.

Cabe trazer aqui, uma discussão apresentada por Santaella e Noth (1998), quando nos dizem que, em se tratando do mundo das imagens, devemos ter ciência de que o mesmo estará disposto em duas vertentes: uma material, representado pelas questões visuais, mas também haverá de se aceitar o segundo, que se refere ao imaterial, correspondente ao campo das fantasias, das representações mentais.

Os conceitos unificadores dos dois domínios da imagem são os conceitos de signo e de representação. É na definição desses dois conceitos que reencontramos os dois domínios da imagem, a saber, o seu lado perceptível e o seu lado mental, unificados estes em algo terceiro, que é o signo ou representação. (SANTAELLA; NOTH, 1998, p.15)

Dessa forma, emerge a questão do signo, a partir de uma relação com a semiótica de Peirce (2003), que apresenta grande relevância para o estudo de imagens e por conseguinte, das representações, pois está diretamente ligada à semiótica.

De acordo com Peirce (2003, p. 46), “um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, o que passa a configurar a própria subjetividade da representação e trazendo Panofsky, a ideia de interpretação iconológica singular do sujeito. Assim, a mesma imagem ou paisagem, poderá ser interpretada e corresponder a significados de maneiras distintas para cada pessoa.

A percepção iconográfica, o sentido e dessa maneira, a ideia de significado que perpassa pela semiótica, passa a configurar uma relação direta ao vivido e compreendido por cada sujeito, conforme Epstein (1986), reafirmando os olhares únicos e as diferentes possibilidades que temos para compreensão do que está ao nosso redor.

Lembrando que, ao compreendermos que a mensagem dada por Santaella e Noth, acerca do mundo das imagens e sua disposição em duas vertentes, material e imaterial, encontramos sua aproximação às geotecnologias, ao corroborarmos com Pereira (2015, p. 52), podemos dizer que a dinâmica dos processos ontológicos que são base para os processos humanos, tecnológicos e assim criativos, são por conseguinte, a base

para as geotecnologias, as quais permitem a compreensão do mundo, tal como percebemos, influenciando a forma de interação com o mesmo. Isso porque, os signos estão para além das “coisas” materiais, mas são fenômenos presentes em tudo, inclusive em nossas mentes, e assim, parte do cotidiano de cada sujeito.

Essa é uma discussão defendida pelo grupo de pesquisa em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), da Universidade do Estado da Bahia, onde a premissa da condição imaterial das tecnologias está presente em estudos e pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do grupo. E nesse sentido, tomamos como orientação, o que Hetkowski (2010), nos apresenta sobre que as geotecnologias estão por representar a capacidade criativa, imaginativa e reenvitativa de um grupo social.

Isso porque, as geotecnologias, segundo Brito e Hetkowski (2010), podem e devem ser consideradas para além de uma reunião de técnicas voltadas ao reconhecimento ou mesmo interpretação do espaço geográfico, mas como uma possibilidade de olhar para as questões de compreensão do próprio recorte espacial, ou seja, o lugar, potencializando os aspectos de interação sujeito-lugar, e a noção de pertencimento ao mesmo.

Essa visão, que passa a olhar de outra maneira os elementos tecnológicos, e aqui, geotecnológicos, por permitir reconhecer o espaço geográfico, nos coloca numa posição de perceber que não apenas elementos maquínicos, mas também os imateriais, os que estão na condições não palpável, mas percebível, sentido pelo sujeito, criado pelo sujeito através de componentes simples, como um desenho, um mapa mental ou fotografias, passam a configurar elementos geotecnológicos e assim, possibilitadores de ações que viabilizam o (re)conhecer do lugar.

O lugar, categoria de fina amplitude da ciência geográfica, se coloca como um conceito que desvela sentimentos e atenções particulares ao espaço geográfico, visto que é no lugar que nutrimos sentimentos, de adoração ou aversão, como nos traz Tuan (1980), topofílicos ou topofóbicos, mas sempre em julgamento àquele fragmento e a um determinado tempo vivido.

Talvez a mais significativa dimensão do lugar seja a sociofísica, na qual o conceitual e o figurativo se equilibram entre a alternância e a radiância, pois almejamos a aventura do nômade de conhecer novos lugares, novos mares, novas gentes e, ao mesmo tempo, desejamos um “lar” onde chegar, estabelecer e acalantar nossos sonhos e fantasias. (OLIVEIRA, 2012, p.16)

Podemos então dizer que o lugar nos prende e nos liberta, nos move em múltiplas direções e buscas, que só o sujeito imbricado na relação poderá definir. O

olhar para o lugar e suas características simbólicas, refletem na relação sujeito-lugar, única e subjetiva, a qual confere a interação com o espaço geográfico e no estreitamento para a relação de entendimento e compreensão necessária para desvelar o sentido e consciência sobre o lugar.

Essa consciência proporciona uma outra educação: aquela construída a partir do lugar vivido, a qual compreende outros olhares e entendimentos acerca das pessoas e do espaço geográfico, construído e resultante das interações sociais. Uma educação geográfica, balizada entre sujeitos, “coisas” significantes, elementos iconográficos, e o lugar compreendido como pertencente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando apresentamos para um grupo de pessoas uma imagem, seja ela uma fotografia, um desenho o qual represente um fragmento do espaço geográfico, a percepção se manifestará de forma distinta para cada pessoa. Isso acontece devido aos aspectos de relação construídos, ou não, por cada sujeito ali presente com o local descrito.

As iconografias, apresentadas através dos signos e representações constituem um bojo de possibilidades para o reconhecimento do lugar. Essas possibilidades nascem a partir da própria questão de memória do sujeito, seguindo para correlações com imagens ou desenhos.

Emerge nesse contexto, a perspectiva da relação do pertencimento, pois o sentimento remetido ao elemento geotecnológico, como a representação iconográfica, estará atrelado à viagem mental ao lugar ali observado. Uma viagem que pode ser de boas lembranças, como amigos de infância, colegas de faculdade, familiares ou férias vividas, como também de dores e aspectos triste de um passado.

As memórias, como elementos inerentes a todo ser humano, constituem os aspectos geotecnológicos ao registrarem e guardarem as lembranças iconográficas dos lugares por onde passamos. São registros afetivos, simbólicos e subjetivos, pessoais e às vezes, inexplicáveis.



Imagem 01: Pôr do Sol – Baía de Todos os Santos (Salvador - BA)
Foto: Patrícia Moreira, 2022

Ao contemplarmos esse registro iconográfico, para cada leitor deste artigo, a imagem trará uma resposta, a partir de estímulos da visão. A fotografia como elemento geotecnológico, congelou a paisagem no momento de um pôr do Sol na Baía de Todos os Santos, na capital baiana. O registro ainda contém a chegada e saída das embarcações que fazem a travessia de pessoas de veículos entre Salvador e a ilha de Itaparica, além de uma pequena canoa de pescador entre elas.

Para conhecedores da cidade de Salvador, esse registro iconográfico poderá despertar memórias vividas na cidade, saudades do lugar, o desejo do retorno. Para outros que ainda não a conhecem, a imagem poderá encher o coração de esperança e alimentar o desejo de uma breve viagem.

A forma como a imagem chega aos nossos sentidos e consciência, nos faz pensar na linguagem que essa representação iconográfica passa a configurar perante as pessoas, e como essa imagem tem poder de mexer com os sentimentos, as lembranças e desejos de cada sujeito.

As possibilidades de interpretação a partir da questão iconológica defendida por Panofsky (2007), deixa clara que o processo de compreensão não segue uma receita, visto que o mesmo é subjetivo, particular. Isso explica como podemos ter um grupo de pessoas a contemplar uma

única tela de pintura num museu, ou mesmo a imagem comentada acima, e cada um enxergar elementos ou ser “tocado” emocionalmente em aspectos distintos.

Com isso, ratificamos que o ser humano é único em sua essência e análise. Que as marcações interpretativas, sejam elas pela linguagem escrita ou pela oralidade, demonstram a compreensão da mensagem, bem como o processo de (re)conhecimento do lugar através de elementos geotecnológicos como as representações iconográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos que as geotecnologias estão para além das questões materiais, e dessa forma, presente a partir do imaginário humano, temos as representações iconográficas como elementos que podem estar relacionadas desde as lembranças ou recordações dos sujeitos, até os registros fotográficos do espaço geográfico.

Os elementos iconográficos possibilitam o sujeito a (re)conhecer seu espaço vivido através de outros elementos dispostos pelas geotecnologias, ora constituída em seus aspectos materiais, mas sobretudo, pelos imateriais, criativos e humanos.

O sentido de lugar passa a ser despertado a partir de noção de pertencimento evocado pelos sentidos do sujeito, ou mesmo por não conhecer o lugar, pelo desejo que surge ao acender outros sentidos como da curiosidade ou necessidade, que surgem diante de uma emoção provocada pelos elementos iconográficos.

Quando provocados os sentidos, levantamos outras questões ontológicas, como a saudade e o desejo, que nascem a partir de elementos despertados pela ideia de liberdade ou escape, provocados pelo aspecto envolvido na imagem e suas interpretações, ou seja, as mensagens do iconológico.

Cada sujeito vai usufruir da sua análise de forma impar e sem explicações lógicas para outros. Isso faz parte da natureza humana. Essa é uma reação provocada de forma unilateral feita pela contemplação iconográfica, através de elementos geotecnológicos que nos levam a (re)conhecimentos de velhos ou novos lugares.

REFERÊNCIAS

BRITO, Francisco Jorge de Oliveira; Hetkowski, Tânia Maria Hetkowski. **Geotecnologias: possibilidades de inclusão sócio-espacial**. In: BONETI, Lindomar Wessler (Org.). *Inclusão sociodigital: da teoria à prática*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012



- EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 2ª ed. São Paulo: Atica, 1986
- HETKOWSKI, Tânia Maria. **Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações?** Belo Horizonte: ENDIPE, 2010.
- OLIVEIRA, Livia de. **O sentido do lugar**. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; WERTHERHOLZER, L. de O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- PEREIRA, Inaiá Brandão. **Educação geográfica e geotecnologia: construindo estratégias à compreensão do lugar no ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado, UNEB, Salvador, 2015. 183f. http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/11/INAI%C3%81_BRAND%C3%83O.pdf
- PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3ª ed. – 1ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2003
- SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- TUAN, Yu-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.